


Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana
(Organizadores)

Memória, cultura e sociedade

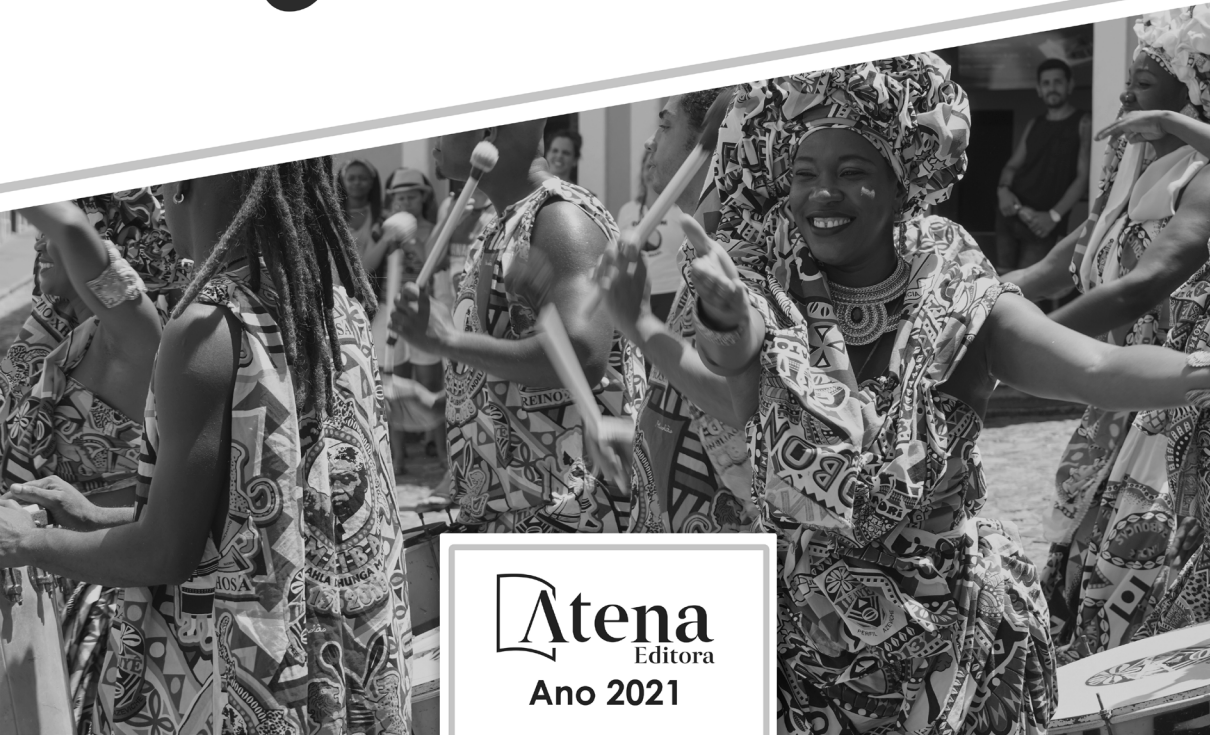


Atena
Editora
Ano 2021



Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana
(Organizadores)

Memória, cultura e sociedade



Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M533 Memória, cultura e sociedade / Organizadores Joaquim dos Santos, José Italo Bezerra Viana. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-134-0

DOI 10.22533/at.ed.340213105

1. Sociedade. 2. Cultura. I. Santos, Joaquim dos (Organizador). II. Viana, José Italo Bezerra (Organizador). III. Título.

CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Este livro é uma demonstração da fecunda e complexa experiência humana em diferentes tempos e espaços, vista aqui pelo prisma do tripé *Memória, Cultura e Sociedade*, novelo que dá título à obra. Numa perspectiva interdisciplinar, as atitudes narrativas constitutivas do seu corpo discursivo elucidam a cultura numa abordagem ampla, como um conjunto de relações humanas, em suas formas materiais e imateriais, o que desnuda a diversidade cultural presente nos temas dissertados.

Seguindo esse horizonte, são abordadas as relações entre indivíduo e sociedade, bem como entre mudanças e continuidades postas na paisagem social, cultural e histórica. A sociedade é apresentada como uma construção histórica numa simbiose de um todo conectado, no qual as pessoas vivem. Assim, modos e construção de relações, combinação de instituições, normas e formas de organização social integram esse novelo. Nesse direcionamento, a memória é apresentada como uma construção humana, individual e social, portanto, também histórica.

Ao longo dos vinte e seis capítulos que integram o livro, uma diversidade de temas e recortes são elencados, abordando as relações entre memória e identidade e colocando em cena seus processos de construção, afirmação e resistências. Nestes termos, a dimensão histórica da memória é apresentada e refletida nas cidades e em suas paisagens, bem como nas reflexões sobre espaços, natureza, trabalho, instituições, territorialização e culturas.

As linguagens a partir das quais as memórias, as culturas e sociedades são postas e problematizadas também ganham corpo, materialidade e densidade discursiva. Nesse sentido, as importantes reflexões a respeito de imagens, teatros, músicas, literatura e objetos são postas em relevo. Outrossim, ganha destaque o debate sobre cultura material mediante as historicidades e danações dos museus e de seus visitantes, revelando ainda as mediações entre a cultura material e os processos histórico-sociais.

O cenário político presente nas disputas por memórias, culturas, identidades e sociedades também não fica de fora. Desse modo, a perspectiva decolonial situa uma postura ética e política de enfrentamento das “colonizações” sobre corpos e ideias, demonstrando que é necessário descolonizar o pensamento e a vida social. Além de tudo isso, o ponto de intersecção entre ensino, pesquisa e extensão universitárias lança luz para processos formativos diversos e plurais nas quais as diversidades ganham materialidade e ressonâncias.

As histórias que este livro conta incluem a diversidade como marca essencial para que possamos nos (re)produzir como cultura humana. Simboliza as circunstâncias de constituição da sociedade através da preservação e transmissão da memória, dando sentido a formas distintas de saber, de aprender e de ensinar a respeito dos ritmos que produzem a cadência do baile da vida.

Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A MEMÓRIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Rosali Henriques

DOI 10.22533/at.ed.3402131051

CAPÍTULO 2..... 12

ICONOLOGIA DE SÃO BENEDITO E O ATRIBUTO DA ABÓBORA: EDUCAÇÃO, ARTE E SINCRETISMO NA REGIÃO AURÍFERA DE MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII

Luiz Fernando Conde Sangenis

Ketley Flor Soares Bially

DOI 10.22533/at.ed.3402131052

CAPÍTULO 3..... 23

VERTICALIZAÇÃO À FRANCESA NO RIO DE JANEIRO: O CASO DO EDIFÍCIO TAMANDARÉ

Denise Vianna Nunes

Lívia Paiva Colonese

DOI 10.22533/at.ed.3402131053

CAPÍTULO 4..... 38

JARDIM CEARÁ: O PADRE MIGUEL COELHO DE SÁ BARRETO E A FESTA SOCIORRELIGIOSA DA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX

Maria Jorge dos Santos Leite

Manoel Joaquim Leite Neto

DOI 10.22533/at.ed.3402131054

CAPÍTULO 5..... 50

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS DO ÁLBUM ILLUSTRADO DE GOYANNA: 1921-2021

Angela Ninfa Mendes de Andrade Cabral

José Bartolomeu dos Santos Júnior

Eliton Leandro de Oliveira Pereira

DOI 10.22533/at.ed.3402131055

CAPÍTULO 6..... 63

O PASSADO DA IMPRENSA BRASILEIRA: O RESGATE DA MEMÓRIA DA REVISTA “INTERVALO” ATRAVÉS DA METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL

Talita Souza Magnolo

DOI 10.22533/at.ed.3402131056

CAPÍTULO 7..... 79

A MEMÓRIA DA CENA TEATRAL CARIOCA NA DÉCADA DE 1970

Ana Paula Dessupoio Chaves

Talita Souza Magnolo

DOI 10.22533/at.ed.3402131057

CAPÍTULO 8	92
ESTÉTICA E METALINGUAGEM EM PASÁRGADA	
Vitor Hugo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.3402131058	
CAPÍTULO 9	103
DO “STATUS” AO STRESS: UMA ANÁLISE DO CONTO DE LÍLIA MOMPLÉ	
Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.3402131059	
CAPÍTULO 10	117
O CONSUMO DE REGGAETON ANTES E DEPOIS DE DESPACITO PELOS BRASILEIROS	
Danilo Espindola Catalano	
DOI 10.22533/at.ed.34021310510	
CAPÍTULO 11	129
ENTRE A CASA E A RUA: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O ÓCIO EM TEMPOS DE COVID-19	
Rosana Eduardo da Silva Leal	
DOI 10.22533/at.ed.34021310511	
CAPÍTULO 12	142
CALDAS NOVAS-GO: TRADIÇÃO E IDENTIDADE NA TRANSIÇÃO DO USO DAS ÁGUAS TERMAIS PARA CURA E SUA APROPRIAÇÃO PELOS EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS PARA O LAZER E ENTRETENIMENTO	
Sheila Cristina Endres Palmerston	
Hamilton Afonso de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34021310512	
CAPÍTULO 13	155
A DEMOCRATIZAÇÃO DO MUSEU PARA O VISITANTE	
Ana Fabiola Correia da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.34021310513	
CAPÍTULO 14	168
COLEÇÃO E MUSEALIDADE: O MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS EM FOCO	
José Paulo Siefert Brahm	
Márcia Della Flora Cortes	
Diego Lemos Ribeiro	
Juliane Conceição Primon Serres	
João Fernando Igansi Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.34021310514	
CAPÍTULO 15	182
CRECHES COMUNITÁRIAS DE UBERLÂNDIA: UMA MARCA DA MODERNIZAÇÃO DA SOCIEDADE DO SÉCULO XX	
Vinicius Silva	
DOI 10.22533/at.ed.34021310515	

CAPÍTULO 16	191
MOVIMENTO DECOLONIAL, FORMAÇÃO DOCENTE E HUMANIDADES: TESSITURAS POSSÍVEIS	
Katia Gonçalves Castor	
Jalber Boa Camilo	
Marcela Fraga Gonçalves Campos	
Juliana Nunes Novaes	
DOI 10.22533/at.ed.34021310516	
CAPÍTULO 17	206
RESISTÊNCIA E PRESERVAÇÃO DO TAMBOR DE CRIOLA NO BAIRRO CAMPINHO EM BACURI-MA: TRAÇANDO UMA HISTÓRIOGRAFIA	
Verônica Maria de Moraes Alexandre Santana	
DOI 10.22533/at.ed.34021310517	
CAPÍTULO 18	216
O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO LOCAL DE REFUGIADOS POR MEIO DA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ESTADO DE PERNAMBUCO	
Álvaro Luiz da Silva Santos	
Thalita Franciely de Melo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.34021310518	
CAPÍTULO 19	235
PAISAGEM CULTURAL E TERRITORIALIZAÇÃO DO CORPO: O CASO DA VILA CASONI, LONDRINA (PR)	
Caroline Santos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34021310519	
CAPÍTULO 20	242
POPULAÇÃO IDOSA E INDÍGENA NO PROCESSO MODERNO: TRADIÇÃO E ADAPTAÇÃO	
Aline Rocha Amaral	
Raine Clavisso Pereira	
Fábio Rodrigues da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.34021310520	
CAPÍTULO 21	250
ENTRE O RIO E A MATA: O ESPAÇO TERRITORIAL COMO REFERENTE IDENTITÁRIO E CULTURAL EM UM POVOADO DA AMAZÔNIA TOCANTINA SÍMBOLO DE PODER FEMININO	
Mix de Leão Moia	
Francisco Wagner Urbano	
DOI 10.22533/at.ed.34021310521	

CAPÍTULO 22.....	258
FORMAÇÃO DOCENTE E SEXUALIDADE: AÇÃO EXTENSIONISTA NO CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA SABERES INDISPENSÁVEIS PARA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL E CONTINUADA	
Gislene Lisboa de Oliveira	
Valéria Soares de Lima	
Lilian Cristina dos Santos	
Gabriel Soares Sena	
DOI 10.22533/at.ed.34021310522	
CAPÍTULO 23.....	272
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA COM A POESIA	
Gustavo Avelino da Silva	
Ana Cristina Fernandes Pereira Wolff	
Carina Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.34021310523	
CAPÍTULO 24.....	281
A AMEAÇA DO ANIMALESKO ANTE A HUMANIDADE: UMA LEITURA DE CEM ANOS DE SOLIDÃO SOB A LUZ DA FILOSOFIA DE ADORNO E HORKHEIMER	
Lorena Gonçalves Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34021310524	
CAPÍTULO 25.....	286
NUTRIARTES: UM PROJETO DE EXTENSÃO	
Ana Luiza Araujo Rocha	
Luis Gustavo Alves Monteiro	
Nathália Nascimento Fernandes Franco	
Mellissa Yumi Ferreira Kawamoto	
Pedro Eduardo Ochoa Michelin	
Juliana Pulsena Cunha	
Glaucia Carielo Lima	
DOI 10.22533/at.ed.34021310525	
CAPÍTULO 26.....	292
OFICINA DE BERIMBAU: CULTURA E AFRICANIDADES	
Jackson dos Reis Novais	
DOI 10.22533/at.ed.34021310526	
SOBRE OS ORGANIZADORES	296
ÍNDICE REMISSIVO.....	297

CAPÍTULO 6

O PASSADO DA IMPRENSA BRASILEIRA: O RESGATE DA MEMÓRIA DA REVISTA “INTERVALO” ATRAVÉS DA METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL

Data de aceite: 21/05/2021

Talita Souza Magnolo

Mestre e Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF e membro do Grupo de Pesquisa (CNPQ) Comunicação, Cidade e Memória. Membro do corpo editorial do Jornal da Alcar e membro da Comissão de Audiovisual da PPGCOM da UFJF.

RESUMO: O artigo traz um breve relato da pesquisa realizada durante meu mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, nos anos de 2017 e 2018, que propôs, dentre outros objetivos, a recuperação da história da revista “Intervalo” (1963-1972) da editora Abril, através da realização de entrevistas com seus ex-funcionários. A história do semanário, juntamente com sua memória se perderam no tempo, mesmo tendo sido a primeira publicação brasileira a tratar exclusivamente sobre assuntos relacionados à TV, bem como trazer, de maneira inovadora, a programação televisiva de todo país em suas páginas, em uma época de grande efervescência da cultura, música e do entretenimento, e da massificação da televisão. Além disso, o presente trabalho discute sobre a importância do estudo da memória, bem como o resgate de um aspecto histórico através de depoimentos colhidos utilizando a Metodologia da História Oral de Paul Thompson. Essa reconstrução histórica foi possível graças às fontes encontradas, entre

elas, antigos diretores, repórteres e redatores, que através de seus depoimentos rememoraram e compartilharam suas lembranças sobre a revista.

PALAVRAS - CHAVE: “Intervalo”. Revista. Memória. História Oral. Entrevistas.

ABSTRACT: The article brings a brief account of the research carried out during my master's degree in the Postgraduate Program in Communication at the Federal University of Juiz de Fora, in the years 2017 and 2018, which proposed, among other objectives, the recovery of the history of the magazine “Intervalo” (1963-1972) by Editora Abril, through interviews with its former employees. The history of the weekly, along with its memory were lost in time, even though it was the first Brazilian publication to deal exclusively with TV-related subjects, as well as bringing, in an innovative way, the television programming of the whole country on its pages, in a time of great effervescence of culture, music and entertainment, and the massification of television. In addition, the present work discusses the importance of the study of memory, as well as the rescue of a historical aspect through testimonies collected using Paul Thompson's Oral History Methodology. This historical reconstruction was possible thanks to the sources found, among them, former directors, reporters and editors, who through their testimonies recalled and shared their memories about the magazine.

INTRODUÇÃO

Quando perguntadas sobre a revista “Intervalo”, muitas pessoas que viveram nas décadas de 1960 e 1970, se lembraram – quase sempre de forma vaga – do semanário da editora Abril. Para quem não viveu neste período, pode parecer o contrário, mas as revistas que existiram nesta época fizeram história, algumas por serem mais modernas e ousadas, como foi o caso da revista “Realidade” da editora Abril, outras, por representarem o conservadorismo e a tradição, como aconteceu com “O Cruzeiro” dos Diários Associados de Assis Chateaubriand e a “Intervalo”, por exemplo, que fez história por ser a primeira revista a tratar exclusivamente sobre assuntos relacionados à televisão. Na teoria, quando a história, seus acontecimentos e personagens do passado não são repassados a diante, seja pela oralidade ou pela escrita, se perde. Isso aconteceu com o semanário da editora Abril, quando sua história e memória se perderam no tempo. Atualmente, existem poucas informações sobre a história da revista, suas principais características e singularidades¹.

No início da pesquisa, em 2017, não encontramos informações através de fontes mais tradicionais – livros, mídia, internet, artigos, dissertações ou teses – e, foi preciso pensar além e tentar, através da Metodologia da História Oral, localizar possíveis fontes que pudessem compartilhar suas experiências e vivências na revista. Ao longo da pesquisa, foram realizadas entrevistas com os ex-funcionários da revista “Intervalo” e da editora Abril. A entrevista foi temática, tendo como foco a história e principais características da revista, mas também sobre a época de efervescência cultural, musical e midiática dos anos 1960, visto que na dissertação de mestrado também era proposta a análise da construção narrativa feita pela revista, sobre o III Festival de Música Popular Brasileira de 1967.

A História Oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Tomamos as entrevistas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Este artigo tem como objetivo discutir alguns conceitos, aspectos e diferentes percepções com relação à importância da preservação das lembranças, recordações e conservação de registros, responsáveis por reconstruir a narrativa do passado.

Parte-se do pressuposto que a memória recente não é reconstituída somente pela Metodologia da História Oral, mas também através de documentos, arquivos, fotos, entre outras fontes que são capazes de guardar resíduos e rastros do passado – no nosso caso, utilizaremos, além dos depoimentos, fotografias e os exemplares da revista. A experiência com as entrevistas permitiu que a história da revista fosse resgatada e que houvesse um

¹ Na minha dissertação de mestrado, defendida em março de 2018, tive a oportunidade de redigir um capítulo, que trouxe de forma sucinta, a história da revista “Intervalo”, bem como algumas de suas principais características editoriais e de conteúdo. Para saber mais: MAGNOLO, Talita Souza. A construção narrativa do Festival de MPB de 1967 nas páginas da revista “Intervalo”. Disponível em: https://repositorio.uff.br/jspui/browse?type=type&value=Disserta%C3%A7%C3%A3o&value_lang=pt_BR. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

melhor entendimento do contexto histórico do período. Serão analisados, trechos dos depoimentos colhidos, alguns aspectos e estratégias de comunicação por parte da revista, que foi reforçada pela criação e disseminação de programas televisivos – programas musicais, *quiz shows*, entrevistas, programas humorísticos, competições musicais, entre outros – como grande estratégia de marketing por parte das emissoras de TV. Os astros e celebridades, portanto, ocuparam cada vez com mais frequência as páginas da revista, que se comportou como uma porta-voz da televisão e fez sua fama em cima dos mais variados assuntos de TV e pela disseminação – de forma inovadora no Brasil – da programação televisiva brasileira.

A CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS E A MEMÓRIA

O intenso fluxo de informações que está inundando nosso mundo globalizado, por vezes, dá a falsa sensação de que conhecemos a riqueza de nossa sociedade. Nos dias de hoje, as culturas se conhecem, se tocam, mas ainda não conseguem construir histórias e visões que considerem e valorizem essa diversidade. Huyssen (2014) diz que o crescimento da cultura da memória ganhou força a partir dos anos 1970 e 1980, e atingiu proporções inimagináveis na década de 1990, fazendo com que o comportamento humano valorizasse o passado em detrimento à excessiva importância que se dava ao futuro, como aconteceu no início do século XX. Huyssen (2014) afirma que a cultura modernista que se fundamentava no ideal de “futuros presentes” começou a se sobrepor ao futurismo, desde a década de 1980, fazendo com que a cultura geral se voltasse para os acontecimentos passados. Para ele, nossa relação com o passado se faz presente desde registros mais simplórios à criação de monumentos, museus e bibliotecas - para documentar e registrar as mudanças socioeconômicas, ambientais e culturais de sociedades, pessoas, acontecimentos – e projetos que valorizam depoimentos orais e as histórias de vida.

A sociedade contemporânea é vista por Nora (1993) como uma sociedade sem memória e de memória “curta” e este motivo leva a uma necessidade cada vez maior de se criarem dispositivos de armazenamento da memória. Esse movimento de retorno à memória fez com que historiadores e pesquisadores buscassem por arquivos que a conservassem. É fato que a escrita foi uma das primeiras formas responsáveis por esse tipo de preservação, mas, com o advento das novas tecnologias – principalmente a partir do século XX – essa perspectiva de suportes inéditos se ampliou exponencialmente. Para o autor, a necessidade que a sociedade tem da memória é, na verdade, uma necessidade da história. A busca pela memória, portanto, vai mudar a relação que as pessoas têm com o passado e a história – que têm a necessidade de serem revisitados ou revistos -, por conta da rapidez e da correria do cotidiano e do desenvolvimento da tecnologia de informação.

Pollak (1992) argumenta que a memória pode ser formada por três elementos constitutivos: acontecimentos, personagens e lugares. Estes elementos são trabalhados

de forma individual e coletiva, já que o raciocínio perpassa pelas experiências vividas pela própria pessoa ou pelo em que está inserida, ainda que seu envolvimento não seja de maneira direta. Desta forma, quando usamos a Metodologia de História Oral, deve-se considerar que os acontecimentos vividos pela pessoa entrevistada estão em primeiro lugar, em segundo lugar os acontecimentos vivenciados pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa pertence e em terceiro lugar, os acontecimentos fora do espaço-tempo, ou seja, por meio de uma socialização política ou histórica, um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado que o autor chama de memória herdada.

As personagens também são entendidas desta forma, existindo aquelas que foram encontradas pessoalmente, as que foram conhecidas de maneira indireta e aquelas que não pertenceram ao espaço-tempo da pessoa. Por último, Pollak (1992) fala dos lugares: existem os lugares da memória, lugares ligados a uma lembrança, que pode ser pessoal, mas pode não ter relação com o tempo cronológico – podendo ser um lugar ou uma revista onde a pessoa trabalhou que ficou muito forte em sua na memória, independente da data real. O que vai definir a importância do momento são as vivências e experiências das pessoas do próprio grupo em relação ao objeto. Pode-se afirmar que a memória de um grupo está intimamente ligada às suas vivências e julgamentos internos, ou seja, ela é ao mesmo tempo seletiva e um fenômeno construído.

A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. [...]. A memória organizadíssima que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo. Esse último elemento da memória [...] mostra que a *memória é um fenômeno construído*. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. (POLLAK, 1992, p. 203-204).

A partir deste aspecto, pode-se afirmar que a linguagem é um dos elementos essenciais, pois ajuda a construir o caráter social da memória, visto que é através dela que acontecem as trocas dentro de um mesmo grupo. A linguagem, portanto, é um “instrumento socializador da memória” – unificando e aproximando em um mesmo espaço cultural e histórico diferentes vivências e experiências. Halbwachs (1990) aponta que as memórias alheias podem penetrar o inconsciente do sujeito através do próprio convívio, mas também pela cultura – através de livros, músicas, pinturas e outras formas de arte. Sendo assim, pode-se concluir que a memória coletiva é uma construção social, considerando que o homem é um ser social e está em constante evolução. O que permanece na memória do indivíduo – e é por ele exteriorizado conscientemente – se relaciona ao seu lugar no mundo, ou seja, depende de sua posição no tempo e espaço.

Ao discutirmos os conceitos de memória e de narrativa é preciso deixar claro de quê

memória estamos falando. A memória enquanto processo de lembrança e esquecimento ou os processos de rememoração? Segundo Pomian (2000, p. 507), quando falamos em memória estamos falando em vestígios. E os vestígios são representações da realidade, pois “toda memória é em primeiro lugar uma faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada”. No entanto, toda reconstrução do passado é sempre imperfeita porque é marcada pela dúvida. E a arte da memória, na visão de Pomian, é a arte da linguagem, pois é a partir das narrativas orais ou escritas que um indivíduo se torna depositário da memória de seu grupo. É o que podemos chamar de memória coletiva.

Para este trabalho – e também para a dissertação de mestrado, defendida em 2018 – buscamos observar as narrativas orais como fontes ricas que permitiram o conhecimento aprofundado de episódios históricos, grupos sociais e história individual de cada depoente e seu sentimento com relação a um determinado contexto histórico. As lembranças são a melhor forma de recuperação da consciência dos acontecimentos passados e a memória por si só, é rica em manifestações, desde o próprio ato de lembrar até a reconstituição de algum ambiente, espaço, hábitos, práticas, comportamentos, valores e crenças. Através da entrevista buscamos despertar nos entrevistados as emoções individuais ou coletivas através de algum “gatilho emocional” – no nosso caso, isso foi feito através da apresentação de fotos ou exemplares da revista - sempre lembrando que os depoimentos possuem uma construção subjetiva.

A METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL

A tradição oral é baseada em testemunhos, depoimentos e o costume de se contar histórias e transmitir conhecimentos de geração em geração por meio da fala, hábito este que tem sua origem muito antes da invenção da escrita. A oralidade na visão de Benjamin (2012) é refletida pelo o que autor chamou de “narrador clássico”, aquele que recorre à experiência que passa de boca em boca. O narrador original é aquele que sabe dar conselhos, possui em si o acervo de toda uma vida e de experiências alheias. Ele produz, cria e ressignifica.

Ela [a verdadeira narrativa] traz sempre consigo, de forma aberta ou latente, uma utilidade. Essa utilidade pode consistir por vezes num ensinamento moral, ou numa sugestão prática, ou também num provérbio ou norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos ao ouvinte. Mas, se “dar conselhos” soa hoje como algo antiquado, isto se deve ao fato de as experiências estarem perdendo a sua comunicabilidade (BENJAMIN, 2012, p.216).

Verena Alberti (2005) afirma que a primeira experiência da História Oral como uma atividade devidamente organizada foi em 1948, quando foi lançado o *The Oral History Project* da Universidade de Columbia, em Nova York, pelo professor Allan Nevis. De acordo com Alberti (2005), a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva e trazer novas

perspectivas à historiografia composta por documentos variados. A autora afirma que a História Oral deve ser empregada em pesquisas que tratem de temas contemporâneos, ou seja, que aconteceram em um passado não muito remoto. Sendo assim, as fontes orais obrigatoriamente terão participado – seja como atores ou testemunhas – de determinado momento ou episódio histórico. Thompson (1992) afirma que a Metodologia da História Oral depende de pessoas e isso torna possível que essas histórias contadas surjam como alternativa à característica estática do documento escrito, permitindo que novas hipóteses e novas versões de processos conhecidos cheguem ao conhecimento do pesquisador.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga o campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical do sentido social da história (THOMPSON, 1992, p.44).

Entretanto, deve-se ressaltar – conforme apontamos anteriormente – que nenhuma fonte está livre a subjetividade, seja ela escrita, visual ou oral. Os depoimentos – que estão relacionados diretamente com a história individual de cada pessoa - podem ser ambíguos, insuficientes ou até mesmo passíveis de manipulação. Mesmo com essa questão, Thompson (1992, p. 137) defende o uso da metodologia: “A evidência oral, transformando os “objetos” de estudos em “sujeitos”, contribui para uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também *mais verdadeira*.”.

Segundo David (2013), nenhum personagem contará sua história sem calcular o que a narrativa poderá significar e trazer de consequências para si. O depoimento oral está relacionado com questões da natureza privada e isso fará com que o entrevistado determine o que deve ou não falar e como deve tratar de determinados assuntos. O historiador da oralidade pode ser considerado o criador da própria fonte porque precisa extrair as informações da sua fonte através da entrevista para depois transformá-la em fonte com a transcrição. Para a pesquisa de mestrado, foi importante considerar que, não somente os depoimentos e as narrações eram importantes, mas também fontes já existentes como documentos, matérias, revistas, fotografias e documentários. A diferença entre as fontes é que a História Oral possui um caráter pessoal, conforme reforça Alberti (2004, p.14) quando fala que há nela uma vivacidade e um tom especial, característico de documentos pessoais.

É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que fez do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes. E, ouvindo – o falar, temos a sensação de que as descontinuidades são abolidas e preenchidas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiosincrasias, relatos pitorescos.

A subjetividade das entrevistas, contudo, contribuiu muito para o enriquecimento das histórias que estávamos resgatando – tornando-a mais rica em detalhes e impressões pessoais que de outra maneira, não seriam possíveis. Quando Alberti (2004) usa o termo “histórico”, ela se refere às entrevistas que são feitas com as testemunhas ou com atores de acontecimentos, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea. Pollak (1992) também analisa os depoimentos, valorizando o subjetivo em detrimento do objetivo. Para o autor, essa questão pode ser considerada ultrapassada por criar uma visível oposição entre a história social quantificada e a história oral, mesmo que – na visão dele – exista uma continuidade potencial entre ambas. Essa dupla força – objetividade e subjetividade - também é discutida por Thompson (1992, p.32):

[...] é que a história oral contém uma mistura do subjetivo e do objetivo, e parte do interesse está em entender como as experiências do passado são reinterpretadas na memória. Olhar os elementos subjetivos e objetivos lado a lado é a forma mais eficaz de análise. Isso porque toda entrevista tem informações objetivas, que as pessoas não inventam, ou raramente inventam, como sua data de nascimento, com quem se casaram, quantos filhos tiveram, que tipos de trabalhos fizeram e assim por diante.

Enquanto grandes produtores de sentido, os depoimentos recolhidos devem ser entendidos como construções de sentidos e de grande importância para as narrativas da realidade social, ou seja, através da linguagem é construída uma identidade social pertencente apenas àquela pessoa. Sobre essa ligação que os depoimentos e a reconstrução da memória têm com a identidade social no âmbito da História Oral, Pollak (1992) afirma que a memória é socialmente construída, bem como todo tipo de documentação. Para ele, a coleta de histórias através dos depoimentos orais abre novos campos de pesquisa e uma pluralização de fontes e a consequente abertura de novas perspectivas.

A Metodologia da História Oral tem, dentro de seus princípios, o objetivo de gravar as histórias de vida das pessoas – contadas por elas mesmas – traduzindo para uma forma de entender o que é, como se faz e para que serve a história. No nosso trabalho, foi importante considerarmos que toda história é uma narrativa, ou seja, não existe uma única história pronta, ela será sempre narrada por alguém através de um processo vivo, permanente e subjetivo. Por mais que os depoimentos falem do passado, a história é resgatada e contada no presente e, de acordo com a percepção de cada um, ela pode mudar.

AS ENTREVISTAS

A maior motivação que direcionou este estudo sobre a revista “Intervalo”, foi o fato de – após várias pesquisas – não termos encontrado sua história completa ou o mínimo de sua memória, características e peculiaridades². Uma vez que foi percebida a oportunidade de pesquisa e estudos, investimos nossos esforços para encontrar ex-funcionários que pudessem – através de seus depoimentos, lembranças, fotografias e outros materiais – ajudar a reconstruir a história do semanário.

Inicialmente, não tínhamos ideia da importância ou relevância que esta pesquisa historiográfica teria para o meio acadêmico ou para o meio da comunicação, porém, decidimos seguir com o estudo. Conforme apontamento anterior, poucas foram as informações reunidas via internet, sites, livros, documentos e trabalhos acadêmicos sobre a revista “Intervalo”, deixando-nos apenas com a opção de pesquisar na própria revista – através do acervo digitalizado da Biblioteca Nacional – por mais informações. Nas pesquisas iniciais fizemos poucas descobertas sobre a publicação, porém, uma delas, nos incentivou a ir adiante: a revista “Intervalo” havia sido a primeira revista da época a tratar exclusivamente sobre assuntos relacionados à televisão e a divulgar a programação televisiva de todos os canais do Brasil. A partir desta informação e sabendo da história televisiva nacional e a importância que o desenvolvimento da TV teve durante os anos 1960, entendemos que a revista teve grande importância para a história dos meios de comunicação, especialmente por ter assumido o papel de divulgadora dos programas e conteúdos televisivos.

A Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional possui atualmente diversos acervos digitalizados de vários impressos e, inclusive todas as edições digitalizadas de “Intervalo”. A consulta ao acervo permitiu que, através do expediente das revistas, localizássemos uma fonte, a jornalista Marilda Varejão – que trabalhou na revista de outubro de 1971 até o fechamento da revista em agosto de 1972 – que nos direcionou para outras fontes. O contato com a jornalista foi demorado, visto que nosso único elo foi com sua neta, que possuía uma página na rede social *Facebook*. Foi enviada uma mensagem explicando sobre a pesquisa e pedindo o contato de Marilda, uma das poucas pessoas que poderia nos ajudar nessa empreitada. Com o retorno da neta de Marilda, iniciamos uma conversa via e-mail, onde conversamos sobre a pesquisa e solicitamos à jornalista que nos indicasse possíveis fontes.

Através desta primeira indicação, chegamos a cinco nomes: Eduardo Ribeiro, que trabalhou na Editora Abril como *office boy* e depois como repórter de vários impressos entre 1965 e 1975; Esníder Pizzo, companheiro de “Intervalo” com Marilda, entrou em 1971 e ficou até o fechamento em 1972, inicialmente como editor de texto e posteriormente como

² Durante a visita ao acervo da Editora Abril, que fica em São Paulo, também foi constatado que, apesar de terem todas as edições da revista, os funcionários desconheciam sua história, bem como qualquer outra informação sobre o semanário.

redator chefe; Thomaz Souto Corrêa, que por muitos anos integrou a chefia dos grupos, foi parte da diretoria e até hoje – desde 1956 – trabalha na Abril; Ágata Messina, redatora chefe e depois editora de texto entre 1969 e 1972 e Laís de Castro, que ficou na “Intervalo” entre 1967 e 1968, primeiro como estagiária e depois como repórter. Depois das entrevistas iniciais, alguns outros nomes foram citados pelos entrevistados e isso nos deu um novo direcionamento, que resultou em mais duas baterias de gravações.

Para a realização das entrevistas, foi necessário submeter a pesquisa ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Juiz de Fora e também adicioná-lo na Plataforma Brasil, visto que estaríamos interagindo e entrevistando muitas pessoas. Todo esse trabalho, que também incluiu a elaboração do questionário, teve que ser feita antes da realização primeira entrevista, já que todo o processo gerou um termo de autorização que todos os entrevistados precisaram assinar. O questionário foi dividido em três partes. A primeira parte tratava da história pessoal, formação profissional e como o entrevistado vivenciou os anos 1960, tanto em termos políticos, culturais, sociais, passando pela sua interação com os meios de comunicação, em especial a TV. O segundo item era sobre a revista “Intervalo”. Essa, que seria a parte mais extensa, exigia dos entrevistados um exercício de memória e buscava desvendar a história da revista “Intervalo” e todas as suas características. Como mencionado anteriormente, utilizamos como gatilho de memória, exemplares da revista. E, por último, perguntamos, mais especificamente sobre os Festivais de MPB dos anos 1960 e, principalmente, sobre o Festival de 1967, que era nosso objeto de estudo.

Até o momento, foram entrevistadas 12 pessoas e já temos reunidas mais de 300 páginas em transcrições e 23 horas de gravação de áudio e imagens. Através da coleta destes depoimentos conseguimos, dentre outras coisas, recuperar a história da revista “Intervalo”. Uma das vantagens foi conseguir entrevistar pessoas de diferentes épocas e fases das revistas, bem como de diferentes áreas da redação, ampliando ainda mais a visão e a dimensão historiográfica da nossa pesquisa e confirmando ou negando algumas de nossas hipóteses.

A REVISTA “INTERVALO”³

A revista “Intervalo” foi um dos mais importantes veículos que surgiram entre as décadas de 1960 e 1970 e valorizou na íntegra temas sobre televisão. Segundo Thomaz Souto Corrêa (2017), apesar de ser muito atento ao mercado dos meios de comunicação, a inspiração de Victor Civita para o lançamento da “Intervalo” veio dos Estados Unidos, de uma das revistas mais famosas da época: a “TV Guide”, uma publicação de formato pequeno, que continha todas as programações televisivas, cobrindo o continente norte-americano de costa a costa e todas emissoras de TV. Essa forma de comunicar a programação e deixar o telespectador informado para que ele pudesse acompanhar os programas, filmes

³ Neste item será apresentada uma breve história da revista “Intervalo” e, para isso, utilizaremos parte das entrevistas e informações cedidas de nossos entrevistados com o intuito de enriquecer e valorizar os depoimentos que conseguimos.

e seriados prediletos atraiu os olhos de Victor Civita, que quis replicar essa ideia no Brasil.

Então a ideia era assim: televisão estava ficando forte, estava começando a acontecer novela e tal, vamos fazer uma revista. Ela cobria televisão, não era para cobrir fofoca, e aí, no meio desse começo, se você ver a capa você vai ver isso, tinha muito os artistas, entrevista com os artistas, não tinha fofoca tipo “fulano está com fulano”, não tinha nada disso. Era uma tentativa, digamos assim, de fazer um jornalismo em cima de televisão. E aí, começasse a descobrir uma coisa interessante que é assim: quando uma novela está fazendo sucesso, quem vai para capa não é o artista, é o personagem né, você quer a identificação da leitora direta com o personagem que ela vai ver de noite, [...] (CORRÊA, 2017).

A publicação era semanal e chegava às bancas toda quinta-feira. Inicialmente, sua proposta era cobrir a programação televisiva de todo Brasil – Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba e Salvador – e trazer pequenas reportagens também relacionadas com os programas, shows, telenovelas, entre outros. Além de trazer algumas seções temáticas – todas sempre valorizando assuntos e astros da TV –, o foco era divulgar seu maior diferencial: a programação televisiva⁴. É possível observar através dos depoimentos que tanto a televisão quanto as publicidades que circularam naquela época – em especial na revista “Intervalo” –, mostraram a ideia de que o aparelho de TV era parte da rotina de uma família. Esníder Pizzo (2017) complementa dizendo os programas se comunicavam com as jovens adolescentes e com as donas de casa que queriam acompanhar a vida de seus músicos e artistas preferidos.

Com a proposta de disseminar o conteúdo televisivo, a publicação da Editora Abril direcionava seus esforços nos temas mais comentados e nos programas mais assistidos pelo telespectador. Adalberto Cornavaca (2017) afirma que “o que prevalecia era aquilo que o público mais curtia, então, se o público curtia novelas, sempre os artistas de novelas ocupavam o primeiro plano. Na época dos festivais de MPB, os artistas do festival ocupavam o primeiro plano.”. Ficou claro na fala dos depoentes que, em função disso, a programação passou a ser pensada a partir da adaptação à rotina dos lares brasileiros, especialmente, a partir de uma divisão de horários que buscava um melhor enquadramento entre o trabalho e diversão.

Junto com a ebulição da programação televisiva, a “Intervalo” foi se construindo e se adaptando à nova realidade dos meios de comunicação de massa. Marilda Varejão (2017) afirma que, como qualquer outro veículo de comunicação, a revista noticiava o que acontecia, trazia artistas que estavam fazendo sucesso com as primeiras telenovelas,

⁴ De acordo com Bergamo (2010), os anos 1960 representaram para a TV brasileira um momento-chave, já que foi nesse período que várias práticas televisivas foram criadas e consolidadas, assim como outras foram abandonadas ou profundamente transformadas. A “grade de programação das emissoras é aquilo que, de certa maneira, materializa a noção que esses profissionais têm de seu público. Foi a partir de 1960 que a televisão começa a definir uma “forma” – expressa, entre outras coisas, por meio dessa “grade” – para si mesma em função disso. A noção de público elaborada nos anos 1960 serviu de base – e, com isso, de “molde” – para a redefinição posterior da TV. Para saber mais: BERGAMO, Alexandre. **A reconfiguração do público**. IN: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. História da televisão no Brasil. São Paulo: Contexto, 2010.

cantores que surgiram naquele período graças aos mais variados programas musicais, bem como os festivais de MPB que, durante os anos 1960, ganharam força e um público cativo, tanto a plateia que acompanhava nos auditórios, como os telespectadores que se reuniam em casa para assistir pela TV. De acordo com Corrêa (2017), as revistas cobriam os acontecimentos, os programas, ou seja, tudo que estava dando certo, na tentativa de colocar na cabeça do leitor a realidade do mercado televisivo daquele momento, não somente programas brasileiros, mas também seriados americanos, como foi o caso de “Os Intocáveis”, “Perry Mason”, “Lessie”, “Durango Kid”, entre outros. Além disso, a revista tinha como principal objetivo, deixar o leitor em dia com tudo de interessante que acontecia no mundo da “caixinha de vídeo”. O semanário possuía uma seção chamada “Não perca este programa” onde, toda edição indicava a “transmissão mais promissora”⁵ – aquela que o telespectador não podia perder –, que vinha acompanhada de uma ficha com dados interessantes e curiosidades.

Assim, pode-se afirmar que a chegada da televisão no Brasil provocou diversas mudanças, aperfeiçoamentos técnicos e originou uma nova forma de comunicar e falar sobre o que acontecia nos meios de comunicação. A TV era novidade no Brasil e, escrever sobre televisão, realizar coberturas de programas também foi uma significativa novidade. Adalberto Cornavaca foi um dos primeiros profissionais de arte que passou pela “Intervalo” e participou da primeira edição do semanário, quando foi lançada. Ele comenta sobre as mudanças que foram necessárias para a produção de uma revista que falava exclusivamente sobre televisão.

E nós tínhamos como forte também a programação de todas as coisas que aconteciam na TV. Só que como estava tudo no começo, era uma trapalhada, porque o canal falava: “Olha, hoje às 16:30 vai ter tal coisa”, só que depois às 16:30 tinha outra coisa, aí era difícil de consertar de última hora, quando dava a gente consertava, quando não, saía errado, aí o editor reclamava, mas depois de um tempo melhorou. Quando melhorou, os jornais viram quanto era importante ter a programação da TV impressa, que todos os jornais começaram a dar a programação e aí a “Intervalo” foi perdendo um pouco de leitores por causa disso, só que foi ganhando depois novamente no auge das novelas (CORNAVACA, 2017).

O impacto da TV foi grande e definitivo na organização dos outros meios de comunicação, não somente na forma de produção, mas no relacionamento que começou a ser construído entre os canais de TV e as redações; entre os jornalistas e os cantores; entre os redatores e as gravadoras. Dessa mudança, nasceu uma nova forma de pensar o jornalismo de televisão, mas também a perceber os concorrentes que passaram a entender a importância de trazer para suas páginas informações sobre os programas, a programação diária, fotos e reportagens.

5 Termo utilizado pela revista “Intervalo”.

Antes das novelas da TV, existiam as fotonovelas. Eram revistas que traziam uma espécie de história em quadrinhos com fotos e a primeira a fazer isso da Abril foi a “Capricho”. A “Capricho” era uma revista de fotonovelas, depois com o tempo, se transformou na revista que é hoje, das meninas, com todos os assuntos que elas gostam. Então, “Intervalo” praticamente matou as revistas de fotonovelas e cresceu com as novelas de TV, depois com o tempo, como todos esses assuntos eram tratados por todo mundo, de todos os jornais, a “Intervalo” começou a chegar no seu fim (CORNAVACA, 2017).

Apesar de tudo, a regra que valia era publicar o que o público mais gostava de ver nas telas da TV. A fotografia foi importante porque dessa forma, as fãs conseguiam guardar a imagem de seu ídolo – coisa que antes não acontecia no rádio, por exemplo, onde as fãs só tinham contato com seus ídolos através de sua voz. Corrêa (2017) afirma ser importante ressaltar que ao longo das décadas de 1960 e 1970 a televisão se modificou: os programas musicais que eram os favoritos no início dos anos 1960, deram lugar às telenovelas e aos programas humorísticos e a partir da década de 1970 os noticiários ganharam mais espaço.

O semanário passou, durante sua existência, por três fases, sempre buscando se adaptar às mudanças de postura de seu mercado consumidor e do que era transmitido pela televisão. A primeira fase trazia informações sobre assuntos de televisão, ou seja, realizava uma cobertura jornalística mais extensa em cima de eventos, programas, competições musicais, bastidores, todavia, o forte e a novidade eram a programação:

Na verdade, o objetivo maior da “Intervalo” era um negócio chamado programação porque naquela época a programação não mudava, então você publicava toda semana a programação dos canais de televisão e isso não saía no jornal. Então o público eu acho que era desde tiete, que na época essa palavra não existia, chamava fã até as senhoras que viam televisão em casa e que queriam saber os horários dos programas, elas compravam por causa da programação. Tinha um cara que só fazia programação, ia nos canais, pegava a programação, fazia só isso. O resto, tinha uma, duas ou três seçõeszinhas e o resto eram reportagens que em princípio acompanharam a programação e depois as reportagens cresceram mais e como a programação começou a esculhambar, porque você falava que ia ser às 19h, era às 21h, [...], então, não deu certo, aí ela virou uma revista de reportagem e fofoca (CASTRO, 2017).

Na segunda fase, a revista cresceu de tamanho – antes ela era no formato de uma revista de quadrinhos infantil e depois passou a ter o tamanho normal de revista – e esbarrava em assuntos mais voltados para a vida das celebridades e fofocas. Corrêa (2017) afirma que antes você via nas capas os artistas, com o passar do tempo, os artistas começaram a se confundir com os personagens, sua vida privada ganhou espaço e isso fez com que a “Intervalo” perdesse sua proposta inicial:

Quando ela vai do formato pequeno para o formato grande, ela vai enfrentar uma briga na rua que já era a fofoca, aí ela perde a característica de ser assim, a cobertura da televisão para começar a botar fofoca também. Quem vende mais, quem vende menos, quais são os dramas e as angústias que os artistas,

os grandes artistas estão passando. E teve um momento, já mais recente em que as revistas se dividem, tem as revistas que cobrem só novela e aí vivem para os personagens das novelas, [...], uma das revistas da Abril, eu não me lembro qual, vai fazer isso e as outras vão pelo caminho da fofoca. A Abril tinha quatro revistas de fotonovela: “Noturno”, “Capricho”, “Ilusão”, “Contigo”, quatro! A “Capricho” vendia uma enormidade de revistas, coisa de 500 mil exemplares⁶, quando era fotonovela. Quando entra a telenovela, a fotonovela começa a perder a graça, então todas as novelas da Abril “O Grande Hotel”, como é que chama, “O Sétimo Céu”, todas começam a vender menos e aí, entram na cobertura da televisão por intermédio das novelas e das fofocas. Aí muda o panorama, “Intervalo” muda com esse panorama (CORRÊA, 2017).

A terceira fase é representada pela mudança do nome da revista, antes era somente “Intervalo” e com a mudança para “Intervalo 2000” no dia 21 de outubro de 1971, permanecendo assim até seu final precoce em agosto de 1972. De acordo com Corrêa (2017), a revista neste momento já estava cansando por exaustão, a mudança do nome foi uma tentativa que, segundo ele, já sabia que não ia dar certo, porque teve como principal proposta entrar em um tipo de jornalismo de fofoca e sensacionalismo. A mudança de nome foi sugestão do diretor da revista da época, o italiano Alessandro Porro, que teve como inspiração uma revista italiana de grande venda na Itália – parecida com a revista “Caras” da Editora Abril.

[...], a Europa está cheia de nobre falido, uma aristocracia falida, tem uma gama de atores, atrizes que também se intercalam, França, Itália, Alemanha, tem aquelas estações de esquis, que se reúnem... Então, a “Nouvelle 2000” tinha um perfil, digamos, tipo “Caras” hoje. Nós não tínhamos isso, nem público para isso, só que o Sandro disse: “Não, vai dar certo! ”. Eu disse: “Sandro, você é muito meu amigo, mas não vai dar certo, o Brasil não tem aristocracia ferrada sabe, e claro que um cara de classe média baixa gosta de saber do príncipe de não sei aonde, a aristocracia sempre exerceu muita fantasia né.”. [...]. Não deu, não deu. Aí ela passou a chamar “Intervalo 2000”, aí acabou. Porque aí deixou de ser só televisão, deixou de ser, o mercado é uma coisa difícil, no que a “Intervalo 2000” foi minguando, a Bloch lançou a “Amiga”, claro, grande também, mas com aquela perspectiva da “Intervalo” entendeu, e aí acabou que a revista começou a dar para trás, foi uma pena, porque era uma revista que vendia muito [...], eu acho que ela poderia ter durado um pouco mais, talvez (MESSINA, 2017).

Eventualmente, com o passar do tempo, “Intervalo” perdeu seu espaço para outras revistas com o mesmo perfil de outras editoras, mas também para publicações da própria Editora Abril que ganharam mais investimentos e interesse dos leitores. No tempo que esteve em circulação, a revista chegou a vender, de acordo com Cornavaca (2017), 250 mil exemplares por semana, considerado um grande sucesso para a época – outros entrevistados como Milton Coelho da Graça e Thomaz Souto Corrêa mencionaram também esse valor, variando entre 200 e 250 mil exemplares por semana.

Através da coleta dos depoimentos, alguns aspectos e algumas características

6 De acordo com Thomaz Souto Corrêa.

foram levantados pela maioria ou todos os entrevistados, como por exemplo, muitos dos depoentes afirmaram que fazer revista durante os anos 1960 não era fácil, visto que o jornalismo estava começando a se profissionalizar, além de existir um público fiel do rádio, dos jornais e posteriormente da televisão e o maior desafio era propor um ponto de vista, uma abordagem que ainda não havia sido pensada. Além disso, a produção naquele período é vista por Cornavaca (2017) como artesanal, artística, pois envolvia paixão pelo trabalho e muita criatividade. Os profissionais de arte da “Intervalo”, por exemplo, tinham que ser artistas plásticos ou desenhistas profissionais para serem capazes de montar a primeira versão da revista da revista e organizá-la como uma verdadeira obra de arte. Para corrigir algum erro de impressão, era preciso fazer uma colagem por cima, cuidadosamente.

A coleta nos mostrou também o envolvimento emocional muito grande por parte dos entrevistados que, em todo momento afirmam que a união, ousadia e alegria da redação fez toda diferença para a revista “Intervalo”, que se posicionou como o primeiro impresso semanal da época a trazer a programação da televisão de todo país e de todos os canais. Esse grande impacto foi sentido pelo público que pertencia, inicialmente, às revistas de fotonovelas e que, aos poucos, migraram para a televisão e seus inúmeros programas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos estudos acerca da memória, bem como a utilização da Metodologia de História Oral, percebemos que cada história é única e, portanto, tem seu valor e merece ser preservada e experimentada. O uso das narrativas históricas faz parte do nosso cotidiano e merecem ser guardadas para gerações futuras e aqueles depoimentos que possuem sentido social devem ser apropriados pela sociedade para que colaborem para uma nova memória social pois, uma vez que são articuladas, as narrativas tecem uma nova memória social e plural. A recuperação da história da revista “Intervalo”, através de entrevistas de História Oral, deixou evidente a revelação e o entendimento de novas óticas e interpretações sobre um período histórico já muito estudado, mas que possuem vertentes e histórias não contadas que, uma vez compartilhadas, fornecem uma nova ressignificação das ideias que se tem sobre o passado. Além disso, este foi o único método que tornou possível o resgate e a recuperação da história da revista, bem como suas características.

Esta pesquisa ainda está em andamento e pretende analisar os depoimentos sob diferentes aspectos, principalmente sua relação da revista com o meio midiático, suas características de produção e singularidades. Espera-se que esse relato de pesquisa possa incentivar outros trabalhos e também buscar, cada vez mais, a valorização de investigações que valorizem a memória e a historiografia da mídia brasileira que, certamente é muito rica e tem muito a nos contar.

Pudemos comprovar neste artigo que o semanário da Editora Abril teve grande importância no mercado impresso da época, mas também no meio televisivo que construiu

uma relação de proximidade e fidelização muito grande ao longo dos anos. Em tempo que a televisão evoluiu e se modificou, a revista acompanhou essas mudanças e melhorias, sempre divulgando massivamente os programas, a programação, os cantores, astros e celebridades da TV. Pesquisar sobre a revista “Intervalo” é contribuir para esse processo de rememoração produtiva, especialmente com a reconstituição da história da revista junto aos jornalistas e diretores que trabalhavam na Editora Abril durante os anos 1960. Buscamos desvendar os contextos político, social e cultural de uma era que já tem muito a nos contar, porém, acreditamos que os depoimentos tornaram possível resgatar e descobrir novas histórias e memórias que ainda não foram compartilhadas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Fontes Orais: história dentro da história.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Orais, p. 155-202. Contexto: São Paulo, 2005.

_____. **Manual de história oral.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I.** Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Editora Brasiliense, São Paulo, 2012.

CORNAVACA, Adalberto. **Depoimento.** Entrevistadora: Talita Souza Magnolo. Vinhedo, SP, 11 de maio de 2017.

CORRÊA, Thomaz Souto. **Depoimento.** Entrevistadora: Talita Souza Magnolo. São Paulo, SP, 23 de fevereiro de 2017.

DAVID, Priscila. **História Oral: Metodologia do Diálogo.** São Paulo, Unesp, v.9, n.1, p. 157-170, janeiro-junho, 2013.

FREITAS, Sônia Maria de. **Prefácio à edição brasileira.** In: THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Paz e Terra: São Paulo, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva.** Edições Vértice: São Paulo, 1990.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória:** arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

_____. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória.** Coordenação Tadeu Capistrano. Tradução Vera Ribeiro. 1. Ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.

MESSINA, Ágata. **Depoimento.** Entrevistadora: Talita Souza Magnolo. Rio de Janeiro, RJ, 16 de março de 2017.

NORA, Pierre. **Entre memória e História: a problemática dos lugares.** Projeto História, São Paulo, n.10, p. 7-28, 1993.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, vol.5, n.10, p.200-212, Rio de Janeiro, 1992.

POMIAN, Krysztof. Memória: Atlas, Coleção, Documento/monumento, Fóssil, Memória, Ruína/restauro. In: GIL, Fernando (Coord.). **Sistemática**. Enciclopédia Einaudi, v. 42. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2000. p. 507-516.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – História Oral**. Editora Paz e Terra: São Paulo, 1992.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Africanidades 9, 62, 292, 294

Arte 6, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 21, 22, 36, 62, 66, 67, 73, 76, 77, 80, 82, 83, 84, 85, 88, 90, 94, 110, 116, 128, 136, 156, 157, 166, 170, 175, 180, 210, 213, 252, 273, 274, 279, 287, 288, 289, 290, 291, 293

Arte Barroca 13

Arte Sacra 12, 13, 16, 17, 18, 22

B

Bens Culturais 86, 123, 155, 156, 159, 162, 165, 166

C

Catolicismo 12, 13, 14, 18, 22, 47, 54, 207

Cidade 15, 16, 17, 18, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 88, 98, 101, 105, 115, 117, 118, 119, 120, 125, 127, 128, 142, 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 159, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 176, 180, 181, 182, 186, 189, 202, 211, 212, 227, 228, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 253, 254, 255

Coleção 7, 36, 62, 78, 162, 168, 170, 172, 181, 189

Comunidade Quilombola 250, 251, 252, 253, 255, 256

Construção Social 6, 1, 7, 9, 10, 66, 177, 190

Conto 7, 70, 103, 105, 108, 109, 112, 115

Corpo 5, 8, 3, 4, 5, 9, 10, 16, 25, 32, 47, 63, 100, 106, 109, 110, 125, 150, 179, 190, 197, 210, 235, 236, 237, 258, 260, 263, 269, 271, 284, 288, 294

Cotidiano 13, 59, 65, 76, 80, 82, 92, 99, 132, 135, 137, 138, 139, 140, 157, 166, 196, 198, 199, 255, 261, 264, 267, 287

Cultura 2, 5, 9, 9, 12, 13, 14, 16, 19, 22, 23, 24, 29, 36, 44, 47, 62, 63, 65, 66, 80, 82, 85, 88, 91, 106, 107, 108, 111, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 127, 128, 129, 140, 146, 147, 148, 154, 156, 157, 159, 160, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 179, 193, 200, 201, 206, 208, 210, 212, 213, 214, 224, 225, 235, 236, 238, 240, 247, 248, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 261, 263, 273, 280, 281, 282, 283, 284, 286, 287, 289, 290, 292, 293, 294, 295

Cultura Brasileira 24, 80, 85

Cultura Popular 208, 212

D

Democracia 182, 183, 187, 188, 189, 201, 204, 221, 293

Desenvolvimento 5, 6, 7, 8, 9, 24, 29, 50, 54, 65, 70, 84, 117, 121, 122, 123, 127, 131, 138, 139, 140, 142, 147, 149, 151, 152, 155, 157, 159, 160, 161, 165, 167, 171, 174, 183, 184,

185, 186, 188, 224, 226, 227, 228, 230, 237, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 251, 259, 260, 261, 270, 271, 280, 290, 296

E

Educação 6, 12, 21, 22, 44, 46, 47, 48, 56, 61, 62, 141, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 182, 183, 184, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 198, 201, 202, 203, 205, 222, 223, 224, 225, 229, 247, 250, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 267, 268, 269, 270, 271, 279, 290, 292, 293, 294, 295, 296

Ensino 5, 5, 50, 54, 86, 107, 163, 164, 165, 166, 167, 182, 185, 191, 192, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 225, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 269, 270, 292, 293, 294, 295, 296

Espaço 8, 5, 25, 27, 34, 35, 45, 46, 51, 55, 56, 57, 66, 67, 74, 75, 84, 87, 88, 95, 100, 103, 104, 109, 110, 111, 112, 115, 119, 129, 130, 133, 135, 136, 139, 140, 146, 154, 156, 160, 161, 163, 166, 170, 173, 174, 176, 178, 184, 187, 188, 192, 199, 202, 208, 209, 210, 212, 214, 226, 228, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 263, 264, 271, 272, 274, 288, 289, 290, 293, 294, 295

Esquecimento 1, 2, 3, 5, 8, 9, 10, 11, 49, 67, 170, 178, 179, 212

Extensão Universitária 9, 261, 271, 272

F

Formação Docente 8, 9, 191, 192, 196, 197, 201, 203, 258, 260, 261, 264, 265, 269, 270, 271

Formação Social 7, 8, 11

H

História 6, 2, 4, 5, 6, 11, 20, 21, 22, 24, 25, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 81, 83, 85, 90, 91, 94, 95, 101, 102, 104, 107, 123, 126, 128, 131, 141, 142, 154, 167, 171, 172, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 193, 198, 201, 203, 204, 213, 214, 235, 237, 240, 241, 244, 247, 250, 252, 255, 256, 257, 282, 283, 284, 292, 293, 294, 295, 296

História Oral 6, 39, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 76, 77, 78, 235, 237, 240, 250, 252, 257, 296

Historiografia 47, 62, 68, 76, 105, 167, 182, 183, 187, 214, 251

I

Iconografia 15, 16, 21

Identidade 5, 7, 17, 52, 62, 69, 78, 106, 116, 142, 147, 156, 157, 159, 180, 185, 201, 202, 204, 208, 210, 223, 247, 249, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 276

Indígenas 19, 41, 110, 132, 164, 203, 242, 243, 246, 247, 248

Integração 8, 123, 124, 125, 209, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 234, 250, 272, 274, 275, 286, 287, 288, 289, 290

L

Lembranças 2, 3, 4, 8, 10, 39, 40, 48, 63, 64, 67, 70, 94, 98, 172, 175, 178, 180

M

Mediação 1, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 161, 178, 203

Memória 2, 5, 6, 1, 2, 3, 4, 5, 10, 11, 36, 48, 49, 63, 77, 78, 180, 181, 296

Memória Coletiva 4, 11, 77

Memória Histórica 4

Memória social 3, 4, 10, 11, 76, 241

Mercado de trabalho 8, 216, 217, 218, 225, 226, 227, 228, 229, 230

Metalinguagem 7, 92, 93

Modernidade 27, 36, 37, 62, 118, 119, 122, 123, 136, 138, 139, 156, 194, 195, 196, 198, 204, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 257

Movimento Decolonial 8, 191, 192, 193, 196, 197, 200, 201

Musealidade 7, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 177, 178, 179

Museu 7, 77, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 180, 181, 296

N

Natureza 5, 6, 7, 8, 9, 16, 38, 44, 46, 68, 94, 95, 132, 137, 149, 152, 159, 179, 189, 193, 197, 200, 201, 203, 220, 221, 244, 245, 251, 279, 281, 282, 284, 285

O

Ócio 7, 129, 130, 131, 138, 139, 140, 141, 149

Oralidade 38, 39, 40, 64, 67, 68, 252

P

Paisagem Cultural 8, 235, 236, 237, 238, 239, 240

Pedagogia 9, 10, 12, 62, 133, 141, 157, 180, 189, 190, 192, 194, 196, 198, 204, 205, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 269, 270, 271

Perspectiva Histórico-Cultural 6, 1, 5, 6, 9, 10

Poesia 9, 2, 92, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 272, 273, 274, 275, 276, 279, 280, 293

Preservação 5, 8, 64, 65, 123, 158, 160, 163, 168, 169, 172, 173, 177, 201, 206, 207, 208, 213, 214, 240, 247, 248, 293, 294

R

Refugiados 8, 137, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234

Representação 13, 16, 17, 20, 27, 54, 100, 170, 173, 174, 175, 178, 293

Resistência 8, 82, 83, 84, 90, 103, 104, 121, 140, 165, 176, 193, 194, 195, 196, 200, 204, 206, 207, 209, 210, 212, 213, 244, 247, 250, 251, 294

S

Sexualidade 9, 193, 246, 258, 259, 260, 263, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 296

Sincretismo 6, 12, 14, 18, 22, 209

Sociedade 2, 5, 7, 3, 4, 5, 7, 9, 13, 14, 20, 23, 24, 25, 28, 33, 36, 38, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 62, 65, 76, 86, 88, 98, 107, 108, 112, 114, 122, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 146, 147, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 172, 179, 180, 182, 183, 189, 192, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 203, 208, 209, 213, 214, 216, 217, 222, 223, 224, 226, 228, 229, 230, 242, 243, 245, 246, 247, 261, 262, 263, 264, 266, 268, 269, 270, 271, 274, 280, 288, 293

T

Território 51, 61, 96, 101, 110, 123, 165, 200, 203, 236, 240, 250, 252, 256

Tradição 7, 8, 17, 18, 64, 67, 68, 142, 207, 213, 238, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 280



www.arenaeditora.com.br 

contato@arenaeditora.com.br 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

www.facebook.com/arenaeditora.com.br 

Memória, cultura e sociedade

**Atena**
Editora

Ano 2021

www.arenaeditora.com.br 

contato@arenaeditora.com.br 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

www.facebook.com/arenaeditora.com.br 

Memória, cultura e sociedade


Atena
Editora
Ano 2021